

EMERÊNCIA DE TERESA CRISTINA CERDEIRA DA SILVA
(Discurso de apresentação. Maria Theresa Abelha Alves)

Magnífico Sr. Reitor, Prof. Dr. Roberto de Andrade Medronho,

Ilustríssima Sra. Vice-Reitora, Prof^aDr^a Cássia CuranTurci,

Ilustríssimo Sr. Decano do Centro de Letras e Artes, Prof. Dr. Afrânio
Gonçalves Barbosa,

Ilustríssima Sra. Diretora da Faculdade de Letras, Prof^aDr^a Sônia Cristina
Reis,

Ilustríssima Sra. Chefe de Departamento de Letras Vernáculas, Prof^a Dr.^a
Ana Paula Victoriano Belchor, aqui representada pela ilustríssima
Prof^a Dr.^a Beatriz Cristino,

Ilustríssimas Professoras Dras. Carmen Lúcia TindóRibeiro Secco e Teresa
Cristina Cerdeira da Silva,

Caros Colegas-Amigos do cortejo de honra,
Senhoras e Senhores,

Fui convidada por Teresa Cristina Cerdeira a ser sua madrinha nesta cerimônia. Fiquei, de imediato, orgulhosa e agradecida, mas com o coração apertado, julgando-me incompetente para tão subida honra. Aposentei-me da UFRJ quando os concursos para professor titular estavam ainda suspensos, de modo que não obtive a titularidade por esta Casa, fui buscá-la à Bahia, e não sou emérita. Como passar um cetro que não tenho? Coloquei minhas dúvidas e Teresa disse: – “Quero como madrinha alguém que chegou à Faculdade de Letras, antes de mim”. Lembrei-me então de uma brincadeira da minha infância. Chamava-se “passe o bastão”. Não havia bastão, dávamos umtoque nas costas da colega a quem nos competia passá-lo. Eis-me aqui, passando para Teresa meu bastão inexistente, não com um toque, mas com minhas palavras comovidas.

Cheguei de fato à UFRJ antes dela. Teresa entrou como aluna quando eu, recém-formada, começara a lecionar Literatura Portuguesa, porém ela nunca frequentou meus cursos, que eram sobre autores antigos. Interessava-se, como até hoje, preferencialmente, pelo contemporâneo. Não a conheci naquela época, mas, anos mais tarde, ouvira falarem sobre ela num almoço em homenagem ao prof. José Carlos Lisboa, saudoso titular de Espanhol. Em meio à conversa entabulada por Cleonice Berardinelli, Marlene Correia, Samira Mesquita, Maria Arminda Falabella, Simone Oliveira, grandes professoras que honraram com saber e ensinaram com sabor nesta Casa, surgiu o nome dela. Anunciaram que ela e Edson já estavam regressando ao Brasil. Elogiaram-nos tanto que fiquei curiosa para conhecê-los.

Uma tarde, estando na sala de Literatura Portuguesa do antigo prédio da Avenida Chile, eis que me aparece à porta uma jovencinha muito sorridente, perguntando se eu vira a Marlene ou a Samira. Era Teresa Cristina. Durante toda a graduação e durante a *Metrise*, concluída em 1974, em Literatura Comparada pela Université de Toulouse II – Le Mirail, com dissertação sobre o *Imaginário mítico de Guimarães Rosa*, e já aqui, com a *de Mestrado*, intitulada *Primeiras estórias, uma viagem em busca da linguagem*, ela se preparara para ser professora de Literatura Brasileira. Nesta direção, já estava a *medias res* no oceano das Letras, mas seu percurso foi modificado. Não pareciam muito propício entrar na cadeira de Literatura Brasileira, naquela altura. Havia brigas internas, problemas mal resolvidos.

Vênus, sempre “Afeiçoada à gente Lusitana”¹ contrapôs-se mais uma vez ao belicoso Marte, buscando, em outras plagas, ventos favoráveis. E eis que Dona Cleonice Berardinelli, nossa sempre muito querida e saudosa Dona Cléo, convidou-a a fazer parte do nosso Setor. A honestidade de Teresa a fez relutar. Fizera poucos cursos de Literatura Portuguesa e acreditava que seu conhecimento para tanto era insuficiente. Dona Cléo, que sempre tivera um apuradíssimo sexto sentido para descobrir docentes talentosos para com ela trabalhar, não desistiu. Teresa tinha sido aluna dela num curso de pós-graduação sobre a Novíssima Poesia Portuguesa, que, naquela época, era a Poesia 61, e o seminário sobre Fiamma Hasse Paes Brandão coube a ela que deu uma aula inesquecível. A grande mestra de todos nós apostava naquela jovem que demonstrara “saber, engenho e arte”² na leitura de Fiamma, e a convenceu a fazer parte do nosso quadro. Mais uma vez Dona Cléo não se enganara.

Quis focalizar como a conheci, antes mesmo de conhecê-la, porque sei que, se ainda estivessem entre nós aquelas docentes prodigiosas, uma delas estaria agora ocupando o lugar que neste momento ocupo. Nomeá-las nesta cerimônia é homenagear e agradecer, pois com a ciência, a experiência, a “sedução das letras”³ e a hombridade intelectual, ajudaram a moldar o perfil de Teresa Cristina como professora sábia, pesquisadora profícua e profissional exemplar e incansável que, mesmo nas mais difíceis situações,

¹CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Edição organizada por Emanuel Paulo Ramos. São Paulo: Catavento, [s/d]Canto I, estrofe 33, verso 2.

²CAMÕES, Luís de. *Lírica completa II. Sonetos* (prefácio e notas de Maria de Lourdes Saraiva). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1980, p. 15.

³CERDEIRA, Teresa Cristina. *Cleonice Berardinelli: a sedução das letras*. Texto em homenagem à Professora Cleonice Berardinelli, apresentado no XXIX Congresso Internacional ABRAPLIP. Universidade Federal de São Carlos, em 26 de setembro de 2023.

lidando com doenças de seus amores, não negligenciou seus afazeres docentes, demonstrando invulgar resiliência e consciência invulgar do dever profissional.

Kafka, em seu *Diário*, disse que estaria perdido se não se salvasse pelo trabalho da escrita. Teresa Cristina é também assim: ela continuamente experimenta a urgência da leitura e a imperiosa necessidade de a agarrar pela escrita ensaística, e ela nunca se perde. Neste trabalho continuado, ganham os escritores que ela privilegia em suas leituras, muitas delas inaugurais, e ganhamos nós que a lemos. Eu, que nunca a tive por aluna, a tenho tidoinúmeras vezes, por mestra.

Aprendi, ao longo dos anos que com ela convivi como colega de Setor, a admirá-la e a admiro cada vez mais. Tornamo-nos amigas e nutrimos uma pela outra carinho de irmã. Estou aqui como alguém que chegou à faculdade de Letras antes de Teresa Cristina, mas também como amiga feliz por tê-la como tal.

Participei de inúmeras bancas de orientandos de Teresa e a segurança demonstrada por eles era resposta à segurança com que ela os orientara. Muitos deles hoje são professores universitários, alguns da UFRJ. Se o saber deve ser partilhado para ir em frente, sua atividade dadivosa como docente e orientadora tem, com muito êxito, cumprido este papel.

Seus alunos de Graduação e de Pós-graduação e seus orientandos são unânimes em reconhecer os atributos da professora que, no mais perfeito estilo socrático, capacita-os ao aflorar do conhecimento, pela maiêutica pedagógica que, antes das respostas acabadas, solicita as perguntas

necessárias, porque as certezas não são criativas, é a dúvida que faz o caminho. São os alunos, nos intervalos das aulas, nas conversas e, ousado dizer, nas fofocas dos corredores, as verdadeiras balanças que ponderam as qualidades dos mestres. Teresa sabe que a vida e seus valores autênticos: honra, honestidade e liberdade são inegociáveis. Por sua conduta ética de prática e promoção destes valores, pela sua generosidade intelectual e pela sua condição de eterna aprendiz, sempre foi avaliada muito positivamente pelos alunos. Ela é como aquela “lebre curiosa”⁴ que, como ninguém, soube traduzir em seu estudo sobre o *Levantado do chão*.

Como menina da geração dos “Anos Dourados”⁵, cursou Instituto de Educação e se habilitou ao ensino fundamental. Assim, com segurança e amor pela profissão, passou por todos os estágios do magistério. O ensino de primeiro e segundo graus, exercido concomitantemente à Graduação, foi burilando, com cinzel de luz, a professorinha para capacitá-la a brilhar e iluminar como estrela de primeira grandeza no ensino superior.

Um bom professor de Letras se faz como um bom leitor. Em suas obras, os escritores deixam palavras entesouradas, segredadas, potencialmente reveladoras, mas só a leitura inteligente e sensível se aproxima do segredo e da revelação. Teresa conhece a potência, a um só tempo, misteriosa e reveladora dos textos a que se tem dedicado, recriando-os e renovando-os, pela sedução também potente de suas palavras sensíveis e sábias, pois a leitura é rito de renascimento.

⁴SARAMAGO, José. *Levantado do chão*. Lisboa: Caminho, 1980, p. 282. “Como toda a gente sabe, a lebre é curiosa [...] não pode ver um jornal caído numa estrada que não vá logo ver o que se passa”.

⁵Alusão à minissérie de Gilberto Braga, *Anos Dourados*, sobre a década de 1950 e seus valores e que foi ao ar, pela TV Globo, de 5 a 30 de maio de 1986.

Uma das glosas camonianas assim se inicia: “Todo o trabalhado bem / promete gostoso fruto”⁶. Muitos gostosos frutos nasceram do trabalho de Teresa. As qualidades que a fazem merecedora do título de emérita são conhecidas de muitos que aqui estão, mas devo lembrá-las, para tanto, “contentar-me-ei dizendo a menor parte”.⁷

Ela tem sido convidada para conferências e cursos em várias universidades brasileiras, portuguesas, francesas e inglesas. Possui artigos em revistas do Brasil e do Exterior, estando presente na bibliografia de muitos outros pesquisadores que a têm como referência. Participou da organização de congressos brasileiros e internacionais, foi responsável pela edição ou coedição de Anais, e de livros de homenagem a personalidades da Literatura. Foi responsável pela Cátedra Jorge de Sena e pela publicação de vários exemplares da revista *Metamorfoses* e faz parte do Conselho Editorial de muitas revistas literárias. Foi membro da diretoria da Associação Internacional de Lusitanistas. Teresa é reconhecida entre seus pares, daqui e d’além mar, pelo seu trabalho frutuoso.

Sua tese de doutorado, *Entre a história e a ficção, uma saga de portugueses*, trabalho de fôlego sobre aquele que haveria de ser o primeiro Nobel português, é considerada obra imprescindível para quantos se lançam aos estudos saramaguianos. Sua brilhante defesa contou com a presença do próprio Saramago, que, ao final, de um cantinho do fundo da sala, não se furtou a um caloroso elogio. Tal a excelência da tese, ela foi

⁶CAMÕES, Luís. *Lírica completa I* (prefácio e notas de Maria de Lourdes Saraiva). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1980, p. 131.

⁷CAMÕES, Luís. *Lírica Completa II. Sonetos* (prefácio e notas de Maria de Lourdes Saraiva). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1980, p.15.

publicada em Lisboa, pela prestigiada editora Dom Quixote, em 1989. A edição se esgotou, mas não se esgotaram os interessados em conhecê-la. Foi publicada uma segunda edição, já agora brasileira, em 2019, pela Moinhos. A tese, pioneira nos estudos sobre Saramago, era também pioneira na abordagem, ao percorrer a História de Portugal através dos romances de Saramago, publicados até então, em diálogo com a Nova História. Eram muito poucos, se é que os havia, aqueles que utilizavam a *Nouvelle Histoire* como instrumental teórico de Literatura naquela época. A senda aberta por Teresa foi seguida, e hoje se multiplicam os estudos que utilizam a mesma ferramenta crítica.

Teresa cumpriu dois estágios de pós-doutorado, em Portugal. Um na Biblioteca Nacional de Lisboa, como bolsista da mesma Biblioteca. Outro, na Universidade de Lisboa, como bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian.

Seu concurso para titular recebeu nota máxima em todas as etapas, por unanimidade. E não era para menos! Apresentou um ensaio primoroso: *“Uma ameaça que pesa sobre mim”*. *Da memória vivida de Primo Levi à memória inventada de José Saramago*”, lição absolutamente MAGNA, comprovação de sua imensa cultura literária, pictórica e histórica. De forma muito criativa, pôs em diálogo os romances *É isto um homem?* e *Ensaio sobre a cegueira*, considerando a Biblioteca de memória de um e o “museu imaginário”⁸ do outro, forças salvíficas e restauradoras da arte, sempre na

⁸O conceito de “museu imaginário” foi cunhado por André Malraux, “no sentido primeiro de museu de imagens oferecido aos homens e muito especialmente a artistas”. CERDEIRA, Teresa Cristina. “Primo Levi e José Saramago: o livro eterno e o quadro infinito”. In: *Formas de Ler*. Belo Horizonte: Moinhos, 2020, p.21-22.

contramão de tempos perversos para, como Malraux acreditava, “dar consciência aos homens da grandeza que ignoram em si mesmos”⁹

Há muitos anos Teresa é bolsista A1 do CNPq e suas pesquisas têm gerado artigos e livros fundamentais. Ao longo de sua frutífera vida acadêmica, percebemos que seus inúmeros ensaios priorizam os séculos XX e XXI, caracterizando-a como leitora enraizada no seu tempo.

Em 2000, publicou em Lisboa, pela Caminho: *O avesso do bordado*. Título precioso na sua metáfora. A qualidade das grandes bordadeiras é pelo avesso que se mede. Teresa é bordadeira exemplar: lê ao revés, ao avesso, por trás das palavras e entre elas, de modo sempre esclarecedor, sempre inteligente, sempre instigante. Os artigos que compõem o livro dizem de Camões, Garrett, Herculano, Fernando Pessoa, Alves Redol, David Mourão Ferreira, Jorge de Sena, Mário Cláudio, Saramago e Helder Macedo, mas também lá está, iluminado, Guimarães Rosa.

Já em 2013, publicou em Lisboa, pela Presença, *A tela da Dama*. A metáfora persiste. A tela aqui, como o bordado lá, é o “lugar do labor poético”¹⁰. A Dama corresponde ao fascínio desafiador da escrita de Miguel Torga, Jorge de Sena, Helder Macedo, José Saramago e Sophia de Mello Breyner Andresen, fascinando-nos e desafiando-nos a, com ela, prosseguir no labor.

Em 2014, publicou pela Casa da Palavra, *A mão que escreve*. A dama bordadeira, com a certeza de que “o escritor que escreve também se

⁹MALRAUX, André. *Le temps d'umépris*. Citado por CERDEIRA, Teresa Cristina. “Primo Levi e José Saramago: o livro eterno e o quadro infinito”. In: *Formas de Ler*. Belo Horizonte: Moinhos, 2020, p.30.

¹⁰CERDEIRA, Teresa. “Brevíssima apresentação”. In: *A tela da dama*. Lisboa: Presença, 2013, p.15.

escreve”¹¹, chama a atenção para a mão do escritor que lhe realiza o desejo da escrita e para sua própria mão de tradutora do que foi escrito. Garrett, Mário de Sá-Carneiro, Lobo Antunes, Inês Pedrosa, Jorge de Sena, David Mourão-Ferreira, Helder Macedo e Saramago têm as mãos entrelaçadas à da ensaísta, numa tradução mútua. Uma página escrita, às mãos do leitor, ganha sentidos que dão tom e cor às palavras, como ensina Jean Claude Carrière¹². Os textos se colorem e ganham matizes pela mão da competente bordadeira.

Em 2020, publicou *Formas de ler*. Seus escritores de eleição voltam a convocá-la: Saramago, Helder Macedo, Jorge de Sena, Mário Cláudio, por vezes dialogando com Camões ou Machado de Assis que nunca deixam de ser contemporâneos. O esquecido ensaísta medieval, Terentianus Maurus, citado por Benjamim, considerava que os livros têm seu próprio destino – “*Habent sua fata libelli*”¹³ –, porque eles encontram seus leitores. A biblioteca pessoal é reflexo do leitor e estes se definem pelos livros que leem. Os escritores a que Teresa sempre volta a encontraram disposta a desvendar-lhes o segredo, disseminado na “contramão do senso comum, da norma, da lei”¹⁴. Em sua leitura, o segredo desvendado é opção utópica e política. Agamben conceituou o contemporâneo como “aquele que percebe o escuro do seu tempo como algo que lhe concerne e não cessa de

¹¹ CERDEIRA, Teresa Cristina. *A mão que escreve* (ensaaios de literatura portuguesa). Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014, p.12.

¹² ECO, Umberto CARRIÈRE, Jean-Claude. *Não contem com o fim do livro*. Trad. De André Telles. São Paulo: Editora Record, 2010.

¹³ BENJAMIM, Walter. *Illuminations*. New York: Shocken Books, p.61.

¹⁴ CERDEIRA, Teresa Cristina. *Formas de Ler* (A literatura e a biblioteca. A literatura e o tempo. A literatura e o corpo). Belo Horizonte: Moinhos, 2020, p.12.

interpelá-lo”.¹⁵ Neste sentido Teresa é contemporânea e sua opção pelos escritores dos séculos XX e XXI não é inocente, é grito de liberdade e resistência que faz da leitura, luz que procura dissipar as trevas.

Para finalizar, vivenciando o pacto da leitura, quero acreditar em Guimarães Rosa, para quem “As pessoas não morrem, ficam encantados”¹⁶ e quero roubar a Saramago o belíssimo fim de *Levantado do chão*, para encontrar entre nós aquelas prodigiosas professoras. Elas estão aqui no cortejo de honra, encantadas, como encantado está o Saramago que continua aplaudindo Teresa, já não mais do fundo da sala, mas bem na frente. Com seus compridos braços abertos, como a asa do milhafre alentejano, tal qual um dia nos abraçou em frente à fonte de Marília de Dirceu, ele abraça outros encantados: Dalmo, Isabel e o Edson. Podiam eles faltar, neste dia também “levantado e principal”?

Bem haja Teresa Cristina Cerdeira da Silva, diletta amiga, titular e professora emérita de Literatura Portuguesa da nossa gloriosa Universidade Federal do Rio de Janeiro, você que fez, faz e continuará a fazer de sua viagem pela Literatura, como a do menino de “As Margens da alegria”, do seu Guimarães Rosa, “uma viagem inventada no feliz”¹⁷.

¹⁵ AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009, p.64.

¹⁶ ROSA, João Guimarães. *Discurso de posse*. Proferido na Academia Brasileira de Letras, em 16 de novembro de 1967, aquando da posse da Cadeira 2.

¹⁷ ROSA, João Guimarães. “As margens da alegria”. In *João Guimarães Rosa Ficção Completa*, v.II. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994. p.389.